

A MULTIPLICIDADE DE VOZES NAS LETRAS DE UMA CANÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE ARTE

BAUMER, Édina Regina¹

RESUMO: O trabalho com a formação de professores e professoras de arte para a educação básica vem ocupando grande parte do meu tempo de estudos e reflexões que acabam por constituir os encontros que vêm ocorrendo desde o ano de 2005, na região da cidade de Criciúma, sul de Santa Catarina, com o objetivo de oportunizar a formação continuada de licenciados na área do ensino da arte.

Palavras-chave: Formação continuada. Ensino da Arte. Música.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho com a formação de professores e professoras de arte para a educação básica vem ocupando grande parte do meu tempo de estudos e reflexões que acabam por constituir os encontros que vêm ocorrendo desde o ano de 2005, na região da cidade de Criciúma, sul de Santa Catarina, com o objetivo de oportunizar a formação continuada de licenciados na área do ensino da arte.

Nesses encontros de formação continuada, algumas vezes como única professora formadora e outras vezes como parte integrante de um grupo de formadores, o planejamento é o que norteia as ações visto que “o processo formativo deverá propor situações que possibilitem a troca dos saberes entre os professores, através de projetos articulados de reflexão conjunta.” (SILVA; ARAUJO, 2005, p. 5). Assim, organizamos o tempo que temos para promover – entre discussões teóricas e experimentações da prática pedagógica – a sensibilização dos profissionais da educação para as mais diversas questões pertinentes ao trabalho docente com crianças, adolescentes e jovens.

Dentre as opções metodológicas para a formação continuada de professores e professoras de arte, não são raros os momentos em que lançamos mão da música para

¹ Docente da UNESC – Criciúma, SC.

provocar sentimentos, sensações e reflexões, pois “a música integra a paisagem sonora, e, enquanto expressão artística, também compõe o universo simbólico de um povo. Ao ser estudada, deve-se considerar, sobretudo, o aspecto subjetivo que esta possui.” (TORRES, 2011, p. 76).

Em especial neste artigo, a proposição é fazer o relato da experiência com um dos grupos de formação continuada para professores de arte da região de Criciúma – SC, a partir da música *Vamos fazer um filme* que é um dos trabalhos da banda *Legião Urbana*, na voz de Renato Russo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A formação continuada de professores é uma determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) que em seu artigo 63, inciso terceiro, afirma que as instituições de ensino superior deverão manter “programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.” (BRASIL, 1996). No entanto, não é pela força da lei que faço adesão à formação continuada de professores, mas sim, pela convicção da necessidade da renovação de conhecimentos, ideias e práticas, o que acaba sendo fundamental para uma boa qualidade do trabalho docente.

Sabe-se que aprender é um movimento contínuo, onde não podemos concluir que já sabemos tudo ou que não precisamos aprender mais alguma coisa. No caso da profissão docente, a formação continuada “deve incentivar a apropriação dos saberes pelos professores, rumo à autonomia, e levar a uma prática crítico-reflexiva, abrangendo a vida cotidiana da escola e os saberes derivados da experiência docente.” (SILVA; ARAUJO, 2005, p. 5). Nessa direção, a Proposta Curricular de Santa Catarina (2005) explica que

o aprofundamento dos princípios teórico – metodológicos constitui um exercício cotidiano da prática pedagógica, que possibilita compreender o conhecimento

científico, fruto das relações humanas no contexto social, político e econômico, exigindo do educador uma constante reflexão e aprofundamento sobre esses conhecimentos na prática pedagógica. (SANTA CATARINA, 2005, p. 17).

Em especial, devido às especificidades do ensino da arte, aspectos um pouco diferenciados devem estar presentes na formação continuada de professores de arte e temos buscado esse intento durante o percurso de professora formadora, sempre com

o desejo de construir uma educação transformadora, capaz de contribuir, entre outras necessidades, com a educação estética dos sujeitos e a ampliação do acesso aos conhecimentos artísticos historicamente sistematizados. Esses objetivos, do nosso ponto de vista concorrem para um currículo do ensino de Artes, que contemple a pluralidade, que reconheça o espaço social da arte e prepare os educadores, no âmbito da educação básica, para a formulação de um discurso crítico, de uma prática expressiva e de um olhar inquietante. (HONORATO; BAUMER, 2010, p. 04).

Nesse contexto, faz-se necessário envolver as diversas linguagens da arte como a música que está presente em nossa vida, em diversas situações do cotidiano, seja na televisão, no rádio, no celular, no computador ou notebook, no trânsito dentro carro, festas e até nos momentos em que estamos tristes. De acordo com Queiroz (2000), a música tem o poder de – por meio do som ou da letra, ou dos dois em conjunto – curar, educar ou divertir as pessoas.

Nossa percepção a respeito do que a música nos diz, pode mudar a cada vez que a ouvimos. Isso ocorre devido ao nosso momento particular, subjetivo, ou pelo fato de não ter prestado atenção nesse ou naquele detalhe sonoro da composição. Sendo assim podemos observar que “também com a música nos tornamos sensíveis a certos aspectos de nossa própria interioridade.” (QUEIROZ, 2000, p. 21).

Dessa forma, ao escutar os sons – e não apenas ouvi-los – é possível ressignificar conceitos, emoções, sensações e sentimentos, comprovando que “quando ouvimos sem escutar, isto é, sem colocar a atenção sobre o sentido auditivo, nos tornamos extremamente passivos a tudo o que se passa no universo sonoro.” (QUEIROZ, 2000, p. 32).

Interagir no mundo sonoro, por meio da escuta, é importante, no entanto vale ressaltar que nem sempre é possível ouvir somente o que nos agrada; temos ao nosso redor uma grande variedade de sons, ruídos e músicas. Podemos escolher por diversos ritmos, melodias ou estilos, da mesma forma que podemos escolher entre apenas ouvir uma música, sem prestar atenção no que ela traz; ainda assim ela pode nos tocar sem percebermos porque “nenhuma arte abre e penetra tão facilmente nossa sensibilidade” afirma Queiroz (2000, p.16).

De acordo com Queiroz (2000) a música torna nossos sentidos predispostos para a comunicação e a troca. Ela promove o contato com sons, batidas e melodias e dessa forma possibilita a comunicação com o outro, trazendo reflexões sobre si mesmo e sobre o outro. Essa ideia converge para o que orienta a Proposta Curricular da Rede Municipal de Criciúma quando

identifica a importância do conhecimento, produzido nas práticas culturais, sua relação com o contexto social local e os processos históricos da humanidade, não perdendo, assim, a máxima dialética, da relação entre as partes e o todo. Neste sentido entendemos que a Arte é produto histórico, que se transforma a partir das realidades onde está inserida. (CRICIÚMA, 2008, p. 107).

Nesse sentido refletimos que “a integração da pessoa com seu universo sonoro é uma necessidade e não apenas do universo musical, algo sempre agradável esteticamente de bom gosto, mas também de integrar-se com o universo dos ruídos à sua volta.”. (QUEIROZ, 2000, p. 35) evitando nossa situação mais comum e recorrente de “que escutamos muito pouco de tudo o que ouvimos.” (QUEIROZ, 2000, p. 30).

Essas são justificativas para trabalhar com a música na formação continuada de professores de arte da educação básica: tanto para a formação pessoal do professor quanto para oportunizar a ele, alguns fundamentos da importância da música em seu trabalho com crianças, adolescentes e jovens.

3 METODOLOGIA

A música ‘Vamos fazer um filme’ foi trabalhada em três grupos de professores de arte da região de Criciúma – SC, em processo de formação continuada, nos últimos dois anos e revelou a possibilidade de múltiplos significados que podem ser atribuídos à melodia e à letra de uma canção quando se dedica a ela, uma reflexão.

Achei um 3x4 teu e não quis acreditar
Que tinha sido há tanto tempo atrás
Um bom exemplo de bondade e respeito
Do que o verdadeiro amor é capaz
A minha escola não tem personagem
A minha escola tem gente de verdade
Alguém falou do fim-do-mundo,
O fim-do-mundo já passou
Vamos começar de novo: Um por todos, todos por um
O sistema é mau, mas minha turma é legal
Viver é foda, morrer é difícil
Te ver é uma necessidade
Vamos fazer um filme... O sistema é mau, mas minha turma é legal
Viver é foda, morrer é difícil
Te ver é uma necessidade
Vamos fazer um filme
E hoje em dia, como é que se diz: "Eu te amo."?
E hoje em dia, como é que se diz: "Eu te amo."?
Sem essa de que: "Estou sozinho."
Somos muito mais que isso
Somos pinguim [*sic*], somos golfinho
Homem, sereia e beija-flor
Leão, leoa e leão-marinho
Eu preciso e quero ter carinho, liberdade e respeito
Chega de opressão: Quero viver a minha vida em paz
Quero um milhão de amigos
Quero irmãos e irmãs
Deve de ser cisma minha
Mas a única maneira ainda
De imaginar a minha vida
É vê-la como um musical dos anos trinta
E no meio de uma depressão
Te ver e ter beleza e fantasia.
E hoje em dia, como é que se diz: "Eu te amo."?
E hoje em dia, vamos Fazer um filme.

Em geral, quando trabalhamos com a linguagem musical, iniciamos com a escuta da música sem o apoio da leitura das palavras, para enfatizar a questão do ouvir e escutar como ações diferentes e necessárias para a apreciação dessa linguagem da arte, conforme o que explica Queiroz (2000, p. 29):

Escutar é dar atenção ao que se ouve. Estas palavras usadas como sinônimas, na verdade, apresentam duas fases diferentes da relação de uma pessoa com os sons. Ouvir é capacitar fisicamente a presença do som (ou ruído). Escutar é colocar a atenção, volitiva ou reativamente, sobre o que está ouvindo. Escutar é estabelecer relação com o som ou música, o que é muito diferente de apenas captar a vibração sonora, isto é, ouvir.

Após essa primeira audição – no caso da música ‘Vamos fazer um filme’ – os professores e professoras de arte foram convidados a dizer se já conheciam a música e que relações podiam estabelecer com a temática da formação: avaliação, currículo, metodologia de ensino, planejamento, entre outras. Poucos participantes conheciam a música antes de

ouvi-la naquele momento da formação ou a conheciam superficialmente (ouviram poucas vezes e não conheciam a letra) dessa forma, uma segunda audição se fazia indispensável, agora com o acompanhamento da leitura da letra, distribuída para cada professor e professora. “Compreende-se a música, portanto, como um elemento cultural, integrante da paisagem sonora e por ela transformada, ao passo que se apresenta também como um elemento territorial e territorializante, por sua característica comunicacional.” (TORRES, 2011, p. 77).

O que chama a atenção e motiva a escrita deste relato, é a observação de que muitas impressões diferentes foram trazidas à tona, pelos professores e professoras em formação, nos encontros, a partir da mesma música e da mesma letra. Nessa direção Torres (2011, p. 76) explica que:

No campo musical essa afirmativa encontra a subjetividade presente em quem faz música e também no seu ouvinte. Ao passo que quando uma coletividade expressa um modo próprio de fazer e/ou apreciar a produção musical, ganha evidência o aspecto cultural da música, no qual as subjetividades encontram suas similitudes, passíveis de territorializarem-se no espaço.

Os destaques dos participantes, nos diversos grupos e ocasiões, acerca da letra da música de Renato Russo, muitas vezes se assemelharam e algumas vezes trouxeram questões únicas e imprescindíveis no âmbito das reflexões sobre um trabalho docente comprometido e responsável.

O sentido e a significação que as pessoas dão aos objetos, as situações e as relações, passam pela impressão que têm de mundo, do seu contexto histórico e cultural, dos afetos, das relações inter e intrapessoais. Na apropriação de elementos do seu entorno o fazem a partir dos seus próprios referenciais. Desta forma, o mesmo objeto ou a mesma situação são muitas vezes compreendidos por elas de maneiras totalmente diferenciadas. São as possibilidades de leituras sígnicas que estão em processo latente. (PILLOTTO, 2008, p. 10).

Passamos agora a relatar o que disseram as vozes dos professores que estavam em formação continuada e perceber nelas, a multiplicidade de sentimentos e sensações.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A frase mais destacada inicialmente pelos participantes foi “A minha escola não tem personagem A minha escola tem gente de verdade.” Aqui os depoimentos reafirmavam a importância de enxergarmos as crianças, adolescentes e jovens como sujeitos em formação, sim, mas principalmente sujeitos que trazem consigo suas histórias, seus sentimentos, suas opiniões enfim, suas culturas, para a escola. Sobre cultura (s) Laraia (2001, p. 63) diz que “estudar cultura é, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura”. E Pilloto (2008, p. 51) completa afirmando que “a educação em arte não deve se constituir em fragmentos, mas em interações, nas quais um contexto se comunica com o outro, um contexto aprende e ensina ao outro.”

Esse apontamento vai ao encontro do que diz a Proposta Curricular de Santa Catarina quando

convoca todos(as) educadores(as) para um diálogo sobre a necessidade do reconhecimento das culturas juvenis no ambiente escolar, entendendo que esse é um passo fundamental para a formação de nossos alunos para a vida e para a superação de parte das insuficiências sociais e culturais presentes no sistema educacional. (SANTA CATARINA, 2005, p. 16).

Uma professora surpreendeu quando destacou a frase “te ver é uma necessidade”. Essa frase já tinha sido citada em outros encontros na perspectiva de que o professor desenvolve um relacionamento de afeto com seus alunos que resulta em uma necessidade de ver, de encontrar as crianças periodicamente. Assim, ao final de um ano letivo, sempre fica a expectativa: será que poderei dar aula para essa ou aquela criança no próximo ano? Será que na escola que aquela criança vai estudar, ele terá um ensino da arte de qualidade? Será que vou sentir saudades?

No entanto, no depoimento surpresa, a professora destacou que é necessário ver a criança com atenção, com interesse, com dedicação ao contrário de considerar cada uma delas

como apenas mais um aluno. Essa colocação remete ao que dizem Martins *et al* (2005, p. 55) sobre “um ‘estar entre’ atento e observador, no olhar e na escuta, para gerar questões que apenas tem sentido se provocam a reflexão, a conversação, a troca entre os parceiros. Um estar entre que precisa cada vez mais ser apurado.”

Ver no sentido de lançar um olhar metucioso para as questões que cercam as crianças em seus processos de aprendizagem na escola e escutar – como afirma Queiroz (2000), no sentido de dar atenção ao que se ouve.

A escuta atenta aos diferentes modos de aprender, aos diferentes saberes dos alunos permite à professora criar intervenções pedagógicas que garantam avanços qualitativos na apropriação de diversos conhecimentos, estabelecendo diálogo entre as produções históricas da humanidade e a cultura do aluno. (SANTA CATARINA, 1998, p. 37).

Outro trecho bastante destacado pelos professores e professoras de arte remete ao próprio momento da formação continuada: *‘Vamos começar de novo/ Um por todos, todos por um [...] Sem essa de que estou sozinho/ Somos muito mais que isso’* e reflete a vontade de se sentir em um grupo, de ter ideais em comum para lutar e superar dificuldades. Nesse sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais – volume Arte, já alertavam desde o ano de 1998, a respeito das “[...] experiências isoladas dos professores, que têm pouca oportunidade de troca, a não ser em eventos, congressos, quando têm possibilidades de encontros.” (BRASIL, 1998, p. 29).

Reforçando essa necessidade de união da categoria profissional – professores de arte – alguns professores destacam o trecho *‘o sistema é mau, mas minha turma é legal’* apontando para a trajetória histórica do ensino da arte na escola e sua valorização, ainda por conquistar, em pleno século XXI, alguns aspectos.

Nesse momento, provoqueei os grupos tornando presente a inquietação *‘quero viver a minha vida em paz’*. Será que os professores e professoras de arte, integrantes

daqueles grupos em formação continuada, estão felizes ou satisfeitos com o seu trabalho, com a sua profissão? Ninguém pode dar o que não tem por isso:

Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não podem trabalhar. Só é possível fazê-lo a partir de um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica, material adequado para as práticas artísticas e material didático de qualidade para dar suporte às aulas. (BRASIL, 1998, p. 30).

O trecho *‘e no meio de uma depressão te ver e ter beleza e fantasia’* finaliza essa reflexão oportunizando a ressignificação do trabalho docente. Com essas palavras, alguns professores do grupo em formação continuada, consideram que é importante mergulhar em suas funções, descritas assim no PCN (BRASIL, 1998, p. 98-99):

O professor na sala de aula é primeiramente um observador de questões como: o que os alunos querem aprender, quais as suas solicitações, que materiais escolhem preferencialmente, que conhecimento têm de arte, que diferenças de níveis expressivos existem, quais os mais e os menos interessados, os que gostam de trabalhar sozinhos e em grupo, e assim por diante. A partir da observação constante e sistemática desse conjunto de variáveis e tendências de uma classe, o professor pode tornar-se um criador de situações de aprendizagem. A prática de aula é resultante da combinação de vários papéis que o professor pode desempenhar antes, durante e depois de cada aula.

Nessa direção, até mesmo o título da música *‘Vamos fazer um filme’* levantou questões para a reflexão em grande grupo. Um aspecto refere-se ao registro: o que fica registrado de nossas práticas pedagógicas? A indagação aponta a necessidade de registrar por meio do planejamento e dos relatos de observação, o cotidiano da sala de aula e o filme funciona como uma metáfora para esse registro confirmando a ideia de que “a ação de planejar, ou o planejamento, faz parte da vida. Aquele que não mais planeja, corre o risco de realizar as coisas de forma mecânica, alienada e, como consequência [sic], sua ação não ter um sentido definido.” (KLOSOWSKI; REALI, 2008, p. 2).

Outra reflexão trazida pelo título – e destacada também por meio da letra da canção: *‘somos pinguim, somos golfinho, homem sereia e beija-flor, leão, leoa e leão-*

marinho’ – abarca as possibilidades de imaginação e subjetividade, características da linguagem da arte e sua capacidade simbólica. Sobre isso Pillotto (2008, p. 10) explica que

as intervenções sócio-culturais demandam conhecimento sensível que permite ampliar os processos de criação, percepção, emoção, intuição e imaginação. A arte como linguagem, expressão e comunicação trata de um modo muito especial essas categorias, fundamentais para a construção humana sensível.

Dessa forma, o trabalho com a letra dessa canção foi se encerrando e deixando ainda coisas por dizer, trocas por sentir, reflexões por continuar. Para um espaço de tempo delimitado, o objetivo foi alcançado e lançou sementes no terreno propício que é a formação continuada.

5 CONCLUSÃO

Ao iniciar a conclusão deste relato de uma experiência de formação continuada, cabe destacar que “sempre se escreve algo para alguém ler. Sempre se lê o que alguém escreveu com uma intenção. Assim, todo texto cumpre uma função social.” (SANTA CATARINA, 2005, p. 35). Sob um ponto de vista, o relato foi escrito para que outros professores leiam e que leiam com a intenção de dar continuidade às reflexões, aos pensamentos e às colocações que o artigo traz. Cumpre-se a função social da produção e divulgação do conhecimento como forma de contribuição para a (trans)formação da sociedade.

Por outro lado, a música de Renato Russo foi escrita para que aquelas pessoas que a ouvissem pudessem realizar a sua leitura – subjetiva – de acordo com suas experiências e seu repertório até então constituído. O que o momento da formação continuada revelou é que, nesse grupo, talvez nem todos os professores de arte já conhecessem a música e se a conheciam, não a tinha escutado com a intenção de pensar em sua profissão.

O que os levou a estabelecer tais relações e constituir a multiplicidade de vozes que ecoou a partir da letra da canção ‘Vamos fazer um filme’, foi o planejamento da formação continuada, a mediação da professora formadora e a disposição dos participantes para a entrega necessária a uma apreciação estética da linguagem musical. Cumpre-se então a função social do texto literário – que chegou até os professores pelas sonoridades da canção – de provocar posicionamentos por meio das sensações, emoções e sentimentos.

Dessa forma pode-se concluir pelo êxito da tarefa e o resultado de um momento de formação continuada para professores de arte. Que venham mais momentos e mais formação para a qualificação do ensino da arte na educação básica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria da Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRICIÚMA, Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Criciúma: currículo para a diversidade, sentidos e práticas**. Criciúma, SC, 2008.

HONORATO, A. R. S; BAUMER, E. R. **Educação estética: uma proposta de formação continuada para professores de arte**. Disponível em <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_e_Arte/Trabalho/07_25_22>. Acesso em dez. 2015.

KLOSOWSKI, S.S; REALI, K. M. Planejamento de ensino como ferramenta básica do processo ensino- aprendizagem. 5. ed. Unicentro. **Revista Eletrônica Lato Sensu**. 2008, p. 1-8. Disponível em <http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/modulo_6/situacoes_de_aprendizagem/material_apoi_o/artigo_planejamento_ensino_como_ferramenta_basica.pdf>. Acesso em dez. 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARTINS, Mirian Celeste. (org.) **Mediação: provocações estéticas**. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, v. 1, n. 1, outubro 2005.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Arte na educação: aspectos conceituais e metodológicos na contemporaneidade. **Revista Imaginar**. n. 51. Dez. 2008. Disponível em <<http://apecv.pt/revista/imaginar51web.pdf>>. Acesso em dez. 2015.

QUEIROZ, Gregório J. Pereira de. **A música compõe o homem, o homem compõe a música**. São Paulo: Cultrix, 2000.

SANTA CATARINA. Secretaria da Educação, Cultura e Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC, 1998.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos**. Florianópolis: IOESC, 2005.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. Reflexão em Paulo Freire: uma contribuição para a formação continuada de professores. **Anais do V Colóquio Internacional Paulo Freire**. Recife, set. 2005. Disponível em <http://189.28.128.100/nutricao/docs/Enpacs/pesquisaArtigos/reflexao_em_paulo_freire_2005.pdf>. Acesso em dez. 2015.

TORRES, Marcos Alberto. Tambores, rádios e vídeoclipes: Sobre paisagens sonoras, territórios e multiterritorialidades. **GeoTextos**, v. 7, n. 2, dez. 2011. p. 69-83.